

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
ANO V—Número 1.429
Sábado, 21 de Julho de 1923
PREÇO — 20 CENTAVOS

Um senhorio, em Belém, auxiliado pelas autoridades expulsou de casa um pobre entrevado. Casos destes provocam a revolta nos espíritos. Não se admitem depois das consequências.

Manteem-se as prisões!

Absolutamente fora da lei, continuam presos nos fortes e no governo civil inúmeros operários

O procedimento das autoridades não só é irritante como revolta. Aos operários presos até hoje ainda não foi apresentada uma acusação que justifique a sua permanência nas prisões, tanto mais que os interrogatórios não começaram e, se alguns se fizeram, deles nada se apurou que fundamentasse a continuação dos encarceramentos.

É isto o que toda a gente sabe, toda aquela gente que vê as coisas imparcialmente. E não obstante a Constituição é estralada pelos detentores do poder que não tem escrúpulos em afirmar que cumprem a lei, quando criaturas sem culpa formada estão detidas há muito mais tempo do que o estatuto nesses diplomas tam hipocritamente defendidos por eles.

A coerência destes pilares da democracia está à prova. A mentira das suas convicções não sofre dúvidas, porque as arbitrariedades cometidas são de conhecimento de todos.

Praticam-se a todo o momento! Ainda até hoje não foram dadas ordens para que os presos que estão na fortaleza de S. Julião da Barra recebam visitas. Ao menos, os senhores da democracia, já que não abrem as portas das prisões, no que não faziam favor nenhum, dando liberdade aos operários arbitrariamente detidos, deem o dever de permitir que suas famílias, parentes, amigos e camaradas os possam visitar. Isto é racional e é lógico, porque cremos não ter sido votada a Constituição para figurar em qualquer biblioteca poeirenta como um belo e raro exemplar a ser apreciado pelos legisladores que venham até cá aprender o que se faz em matéria de liberdade de... funil.

O que não se pode é estar sujeito às violências do governo e das autoridades, e esta situação tem de terminar, mesmo para honra dos pregoeiros da democracia.

Falta de humanidade das autoridades

Já o dissemos, mas ninguém providenciou porque isto de humanidade não está nos hábitos das autoridades.

Num dos quartos do governo civil encontra-se ainda incommunicavel o operário Domingos Silva, num tal estado de saúde que, dum momento para o outro, se não for convenientemente tratado, perecerá com certeza. Tem uma fistula, em constante purgação, no lado esquerdo do peito, junto ao mamilo. O tratamento imediato que tem a fazer é ser operado, pois que, dias antes de ser preso, o médico assistente disse-lhe que devia baixar ao hospital sem perda de tempo para se sujeitar a uma operação.

No entanto, apesar das autoridades conhecerem o seu estado gravíssimo, ao Domingos da Silva o único tratamento que fazem é uma simples lavagem que nada adianta. Além disso tem ainda a cabeça magoadada e a perna que foi atingida por um tiro começa a infectar, levando toda a noite e todo o dia a gemer e com grande falta de ar.

Este procedimento inquisitorial não pode continuar.

Dêem ao operário Domingos da Silva as facilidades necessárias para se tratar, a não ser que pretendam matá-lo, o que talvez já pouco falta para suceder.

Os presos em S. Julião da Barra

Após terem sido sujeitos a vários interrogatórios, dos quais nada se apurou de responsabilidade para os interrogados, e depois dum encarceramento de dez dias nos infectos calabouços do governo civil e de incommunicabilidade em diversas esquadrinhas, foram enviados ontem para S. Julião da Barra, pelas 4,30 da madrugada, encontrando-se na casa-matã n.º 2, os seguintes operários:

Manuel Francisco, José Castela, Camimiro Firmino, Alberto das Neves, Anibal dos Santos, Vasco Soares, Adriano Duarte de Figueiredo, Alvaro Duarte de Figueiredo, António Dias, José da Silva Pinheiro, Alexandre José dos Santos, Bernardo Ramos da Costa, Paulo da Silva, José dos Santos e António Maria Pedro.

Federação dos Empregados no Comércio

Reúniu o Conselho Geral (Zona sul) da Federação Portuguesa dos Empregados do Comércio e entre outros trabalhos de que passou a enviar ao congresso aprovar a seguinte moção:

«Considerando que nestes últimos dias os governantes desta pseudo-república tem encarcerado nas suas masmorras inúmeros elementos da classe operária, sem se saber o motivo por que assim procedem, pois que não há razão alguma que lhe dê azo a praticarem-se semelhantes arbitrariedades e atendendo que tais anomalias veem ainda revoltar mais aqueles que sempre tem lutado por uma sociedade mais equitativa;

O Conselho Geral da F. P. E. C. (Zona sul), na sua reunião de 11 de Julho de 1923, resolve protestar energicamente contra a prepotência exercida pelos governantes na classe operária,

Sessão de protesto no Alto do Pina

A Comissão Mista de Propaganda Sindical deste bairro, na sua reunião de ontem, tendo apreciado mais uma vez as perseguições feitas ultimamente a elementos operários, resolveu realizar na próxima terça-feira, pelas 20,30, na sua sede, uma grande sessão de protesto, tendo sido nomeada uma comissão para dar andamento aos trabalhos preparatórios.

Protestos

Nas suas últimas reuniões, votaram protestos contra as perseguições das autoridades, o Sindicato Único da Construção Civil de Almada, que vai efectuar uma grande sessão de propaganda com o fim de secundar qualquer movimento de solidariedade; o Grupo Agrarista U. A. e o Núcleo Juvenil Sindicalista de Estremoz, que deliberaram apoiar quaisquer resoluções da C. G. T.

Crimes de senhorios

Um bárbaro que põe na rua um entrevado

Grande número de inquilinos compareceu ontem no largo das Cortes apoiando a acção da U. S. O.

Leitores, mais uma barbaridade! Mais uma barbaridade sem nome acaba de ser praticada por um senhorio contra um pobre inquilino — um desgraçado, um entrevado!

Não podia o vampiro escolher outra vítima senão o entrevado. É um crime tremendo, revoltante privar do lar seja quem for; mas roubar a um entrevado que mais do que ninguém necessita de abrigo e de carinho a sua casa, é como se lhe roubassem a própria vida.

O caso passou-se ontem em Belém, na Travessa dos Ferreiros, n.º 17. O entrevado José António Rodrigues Ca-

vaco, morava com a companheira, uma velhota também, no segundo andar.

O senhorio ajudado pela polícia — a polícia ajudando a praticar um crime destes! — pôz-lhe ontem os tapetes na rua. Lá estão os móveis, abandonados, expostos ao tempo.

O pobre inquilino tinha um atestado médico que o proibia de sair, pelo menos durante 60 dias.

É assim que se respeitam, nestes casos de gravidade, as deliberações dos médicos.

Se o povo cumprindo um sagrado dever de solidariedade, agarra-se nos móveis dos infelizes inquilinos e lhes metesse novamente em casa, segundo o critério burguês, cometeria um crime. Mas não se considera crime uma expulsão daquela natureza, mas não se considera crime, escorregar um veio, mas não se julga crime privar uma família do direito de habitar!

Entretanto, o aludido gesto popular seria tam lógico, tam humano, que não nos admiraria sabermos amanhã que o povo de Belém o tivesse praticado.

Os senhorios estão tomando uma tal força, uma tal liberdade de acção que dentro em pouco, a continuar um tal estado de coisas, pouco lhes importará as leis que se votem no parlamento, porque a lei será apenas a sua vontade executada arbitrariamente pelas próprias autoridades.

Está provado, portanto, que os inquilinos tem de cuidar a sério da sua defesa directa, evitando que os senhorios infames lhes ponham os pés no pescoço.

Operários oulives de prata do Porto

Apelo aos trabalhadores

Prestar a nossa solidariedade aos operários oulives de prata do Porto, representa inequivocamente um dever nosso de operários organizados e para aqueles camaradas, que há mais de 4 meses sustentam uma luta titânica e heroica, um alívio a sua crua e precária situação.

Urge, portanto, que sem a mínima relutância, hoje, sábado, retiremos dos nossos salários uma diminuta parcela e a façamos chegar até junto da comissão pró-solidariedade daqueles operários, demonstrando assim a nossa simpatia pela nobilitante atitude mantida por esses camaradas.

Urge também recordar que existem lares onde há já bastantes semanas não entra um centil sequer de fêria para as mais inadiáveis e imprescindíveis necessidades da vida, facto este que verdadeiramente demonstra a miséria, a dor, que nestes mesmos lares existe.

Contribui, pois, com um pouco do vosso esforço, para que o sacrifício dos oulives de prata, não seja tam duro e persistente.

Prestai solidariedade aos camaradas oulives de prata, do Porto.

Apelo da Federação Metalúrgica

Continuando em luta pró-aumento de salário os camaradas oulives de prata do Porto, luta essa que se vem estendendo há uns longos 4 meses, torna-se necessário que todos os metalúrgicos lhes prestem a devida solidariedade material, estimulando-os a prosseguir na luta contra aqueles que de coração impederam e estomago cheio, à custa dos seus escravizados, pretendem reduzir ainda mais a miséria daqueles heróicos lutadores.

Metalúrgicos! Estando aqueles camaradas animados dum fêr inequebrável de vencer, e com um sacrifício tanto mais notável quanto é certo que todos sabemos quanto representam 4 meses de inábil forçado, apela esta Federação para a consciência de todos os metalúrgicos do país, a fim de concorrer na medida do possível para atenuar as agruras porque eles estão passando.

Vá metalúrgicos, que nenhum de vós regateie a solidariedade aqueles que lutando por si, lutam também por nós. Que as quantias recebidas sejam enviadas a esta Federação, rua da Esperança, 204 — Lisboa.

Operários oulives de prata do Porto

Apelo aos trabalhadores

Prestar a nossa solidariedade aos operários oulives de prata do Porto, representa inequivocamente um dever nosso de operários organizados e para aqueles camaradas, que há mais de 4 meses sustentam uma luta titânica e heroica, um alívio a sua crua e precária situação.

Urge, portanto, que sem a mínima relutância, hoje, sábado, retiremos dos nossos salários uma diminuta parcela e a façamos chegar até junto da comissão pró-solidariedade daqueles operários, demonstrando assim a nossa simpatia pela nobilitante atitude mantida por esses camaradas.

Urge também recordar que existem lares onde há já bastantes semanas não entra um centil sequer de fêria para as mais inadiáveis e imprescindíveis necessidades da vida, facto este que verdadeiramente demonstra a miséria, a dor, que nestes mesmos lares existe.

Contribui, pois, com um pouco do vosso esforço, para que o sacrifício dos oulives de prata, não seja tam duro e persistente.

Prestai solidariedade aos camaradas oulives de prata, do Porto.

Apelo da Federação Metalúrgica

Continuando em luta pró-aumento de salário os camaradas oulives de prata do Porto, luta essa que se vem estendendo há uns longos 4 meses, torna-se necessário que todos os metalúrgicos lhes prestem a devida solidariedade material, estimulando-os a prosseguir na luta contra aqueles que de coração impederam e estomago cheio, à custa dos seus escravizados, pretendem reduzir ainda mais a miséria daqueles heróicos lutadores.

Metalúrgicos! Estando aqueles camaradas animados dum fêr inequebrável de vencer, e com um sacrifício tanto mais notável quanto é certo que todos sabemos quanto representam 4 meses de inábil forçado, apela esta Federação para a consciência de todos os metalúrgicos do país, a fim de concorrer na medida do possível para atenuar as agruras porque eles estão passando.

Vá metalúrgicos, que nenhum de vós regateie a solidariedade aqueles que lutando por si, lutam também por nós. Que as quantias recebidas sejam enviadas a esta Federação, rua da Esperança, 204 — Lisboa.

NOTAS & COMENTÁRIOS

A história dum púlpito

Já quasi lá perdendo a oportunidade, mas não queremos deixar de fornecer ao leitor uma história encantadora. Lembra-se de o sr. Augusto de Castro, director do *Diário de Notícias*, ter feito na Sociedade de Geografia uma conferência patriótica... O sr. Augusto de Castro, pretendente à legação de Paris, é um verdadeiro espírito de diplomata e por isso liga a todas as pequenas coisas que possam contribuir para torná-lo agradável, atraente aos olhos dos outros uma importância extraordinária. Para que a sua conferência tivesse o poder de insinuação que transformasse o seu autor num orador de raça, entendeu, muito modestamente, que a Academia de Ciências de que é sócio lhe devia fornecer — sabem o quê leitores? — um púlpito! E a referida Academia mandou o sr. Augusto de Castro pedir o púlpito. O pedido teve deferimento. Um dia — na véspera da realização da conferência, se não estamos em erro — uma carroça transportou da Academia para a Sociedade de Geografia o enorme púlpito, do alto do qual o sr. Augusto de Castro deveria fazer ecoar a sua voz latina... Chegada a carroça à Sociedade, dispunha-se o carroceiro a transportar o púlpito lá para dentro, quando alguém se opôs, intrigado, perguntando:

— Que diabo vem a ser isso?

O carroceiro: — É o púlpito que vem da Academia.

— Cá ninguém requisitou esse monstro, está irritado o da Sociedade — leve isso para a Academia.

O carroceiro, um pouco mal humorado, voltou a carregar a carroça e regressou à Academia.

E o sr. Augusto de Castro, muito modesto, muito desinteressado, a gozar de antemão, a vista que faria, arregando do alto do púlpito.

De volta à Academia, quando o carroceiro impaciente por ver-se livre do púlpito se dispunha a arrastá-lo, alguém apressado, e indignado se opôs:

— Então você, torna a trazer o púlpito.

— Lá na sociedade não quiseram aceitá-lo.

— O homem — ripostou o da Academia — isso é o demónio. O sr. Augusto de Castro pediu o púlpito nos termos de mandar-lhe o púlpito. Aqui não o aceitamos... Olhe, vá você ao *Diário de Notícias* e conte ao sr. Augusto de Castro o que se passa.

O carroceiro, torcendo o nariz, já meio disposto a largar um aparte da sua especialidade profissional, voltou a amarrar o púlpito, a tocar a besta — e lá ele vai para o *Diário de Notícias*.

Para a carroça, a porta do grande rotativo, saltou o carroceiro em terra e pergunta ao Augusto de Castro está?

O sr. Augusto de Castro está?

O porteiro: — Não está.

— E que trago aqui o raio do púlpito e lá não sei onde arrastá-lo — disse o carroceiro.

— Pois eu também não tenho nada com isso — ripostou de mau humor o guarda-portão.

Então, o carroceiro no auge do furor, farto de andar de Herodes para Pilatos, vai à carroça, pega com o púlpito no chão, e bata para a coelheira.

Os continhos do *Diário de Notícias*, muito atalhados, lá meteram o púlpito, muito a custo, nos corredores.

E o sr. Augusto de Castro, em casa, sonhava com os triunfos jornalísticos-latinos.

Um senão...

Toda a gente tem apresentado o seu candidato à presidência da república. O sr. Pedro Barto também o apresentou ontem no *Diário de Lisboa*. Pelo referido que o mesmo jornal publica o referido candidato — o sr. Augusto Soares — é um rapaz simpático, o que juntamente com as grandes qualidades morais que o sr. Barto lhe atribui, fará dele o presidente modelo. Segundo nos contam muito particularmente o candidato que o sr. Pedro Barto defende tem apenas um defeito: — possuir uma grande admiração pelo dr. sr. João de Deus Ramos.

Um caso de consciência

«A Nova Sucessor» acaba de publicar um interessante trabalho literário do sr. Lourenço Cayola, intitulado «Um caso de consciência».

Mãos-livas de fora

Quem, após a república, se deitar a dormir sossegadamente, julgando que os jesuitas nos tinham definitivamente desamparado a porta, enganou-se. Eles nunca deixaram de estar cá dentro, disfarçados, esperando o momento para saltar de novo sobre a nação e dominar o povo. O sr. Canele de Abreu, monárquico dos quatro costados, julgou antenar, no parlamento, ter chegado a ocasião para revelar-se tal qual é, deitando de fora as mãos-livas, pelas quais se via ser ele um dos tais jesuitas disfarçados em gente.

lantes, afirm de agir sempre que os interesses do inquilinato perigam.

Após a elucidação feita pelo referido delegado da U. S. O., a multidão de bandeirolas, ouvindo-se vivas à C. G. T., à *Batalha*, U. S. O., etc.

A comissão de Defesa do Inquilinato conforme ontem dissemos, também foi ao parlamento, tendo falado com vários senadores, pedindo-lhes a discussão e a votação da lei do sr. Catão de Mezenes, ou pelo menos a suspensão de todos os mandatos de despejo.

O Senado votou ontem, por maioria, a imediata discussão do projecto do dr. sr. Catão de Mezenes, onde se contém grande parte das reclamações do inquilinato.

As três crianças

que a filha do general estrangulou

Considerações oportunas sobre o caso, com as quais muito podem lucrar as filhas de família

Relatam os jornais o sensacional caso da filha de um general ter dado a morte a três filhos, para esconder a sua falta em consequência de não ser casada.

Os infanticídios são acontecimentos vulgares; raro é o dia que se não leem notícias desses delitos praticados por criaturas, que, por uma situação miserável, não podem manter filhos, já porque com eles nos braços não podem trabalhar, já porque o período de amamentação exige uma alimentação extra que hoje só aos ricos pode ser garantida.

Não se dá porém esta circunstância no caso sucedido.

A protagonista é uma criatura de sociedade, certamente com facilidade de recursos, e praticou o atentado só para evitar a censura da sociedade.

Essa criatura uma anormal a quem o instinto natural de mãe não tivesse a existência?

Essa criatura, ao ouvir os vagidos do ser a quem deu vida, não sentiu por esse ente, o sentimento de amor materno, tam característico em todas as fêmeas?

Não o acreditamos. Entretanto, sobrepõe-se a esse instinto natural, venceu o preconceito.

O preconceito depravou a criatura; a criatura depravou-se porque a sociedade lhe exigiu sacrifícios fora das leis naturais.

E é esta a sociedade que defende uma civilização tam apregoadada, com luminárias, foguetes e práticas religiosas, é esta a hipocrisia e postica sociedade que força uma mãe a atar uma corda ao pescoço dos filhos, para com a morte deles esconder essa função natural da mulher, ser mãe, como se o facto de uma mulher, ser mãe, seja um acto indecoroso!

Que luta sentiria essa criatura quando ao envolver o cordão em torno do pescoço dos filhos, o sentiu estrebuchar, sacudir-se, até a vida se lhe saltou do pequeno corpo! Com que valor olharia depois para esse corpo inanimado, fruto de um enlevo da alma por alguém de quem ele lhe fosse uma recordação? E com que ódio, com que desprezo olharia, em redor de si, para

essa sociedade que lhe impôs esse duplo atentado — matar, e matar o filho!

Com que revolta se sentiria com vontade de aparecer ao mundo inteiro, com o filho nos braços, arrostando as multidões, de cabeça levantada e clamando: «É meu! É meu filho!»

Mas a sociedade, representada na vizinhança do lado, e na do prélio em frente, a sociedade representada no sr. António da mercearia e no sr. Joaquim do talho, a sociedade representada por personalidades que enchiam os *carneis mondains* dos jornais burgueses, que frequentam bailes e soirées de tom, que vão para as praias *flirtar*, que nos clubes e casinos fazem pelas dependências e jardins o que se vê e o que se sabe, e o que se não vê e se desconhece mas se calenta, essa sociedade de tam má moral, tam exigente quanto melancólica, permite, dá causa, instiga mesmo ao cometimento do que ela própria considera crime, mas sob uma condição absoluta: que os factos não sejam trazidos a público.

Porque o delito não está no facto — está no de ser conhecido.

Não existe na consciência, mas nas aparências.

Que importa que a mulher do fidalgo tal ou do rico tal, tenha muitos amantes?

Se os actos que poderiam provar o delito não são feitos em público, se ninguém pode ser testemunha da falta? É tolerável.

Que importa que o funcionário de alta categoria tenha uma ostentação que os seus vencimentos não podem tolerar?

Diz-se que benesses especiais lhe concedem preventos extraordinários. A boca fechada, aventam-se escândalos grosseiros, mas como são suposições e ninguém prova os delitos, é aceitável.

De mais, a família veste bem, corre às igrejas, e dá recepções onde essa sociedade se sente confortada com comodidades físicas e satisfações espirituais.

Que importa que o filho dessa sociedade viciosa, tenha defeitos de invulgaridade, se ninguém em público o acusa, e a natureza não concedendo aos homens,

filhos, não lhes dá assim provas de um aberração?

É admissível!

Que importa que a donzela nascida nessa sociedade, se entregue de alma e coração por instinto natural a quem a requisitar?

É desculpável! Mas é desculpável só quando não existam provas dessas ligações. Casos-se; tenha um marido para pai de seus filhos embora os filhos não o sejam de seu pai.

Ora é esta moral burguesa, esta moral que vimos de há tanto tempo condenando, esta moral a que os conservadores tanto se apegam, dourando-a justificadamente com falsas aparências, que é a causa de todos os crimes e de toda a desorganização social.

Quere isto dizer que condenamos a instituição natural da família? Que defendemos um amor livre à laia de cães? Não! O que ambicionamos é a sua constituição sem convencionalismos para os outros, e que o entendimento entre o homem e a mulher seja provocado pelo amor livre mas em toda a beleza moral e espiritual. E ainda sobre o acontecimento que deu motivo a este artigo não queremos findá-lo sem mais umas considerações.

Diz a infanticida que o pai das crianças morreu, contudo não poderia ter morrido antes de ter dado causa a ser pai de mais dois filhos, visto que foram três os corpos encontrados.

Toda a gente manifestará toda a repulsa pela mãe desnaturalada, e pouca gente se lembrará do grande pulho, do grande infame que é o pai.

Certamente que para satisfazer os seus desejos se aproveitou da boa fé, da confiança da infanticida, mentindo-lhe com a consciência de um mal que lhe estava causando; aproveitou-se da sua ingenuidade, e nem ao menos atenuou a vilania procurando libertá-la das provas das suas faltas.

Pois bem, é destes pulhos que é constituída a grande massa de indivíduos que falando de nós, dos avançados, que queremos uma verdadeira justiça para toda a humanidade, que é vulgar ouvir-se: «Uns bandidos que precisavam ser todos fusilados».

António NORMANDO

À BOA PAZ

A questão internacional

A acção anárquico-sindicalista foi sempre revolucionária e de transformação social

Permitem-nos a Kerensky instituir um regime democrático, para, sob a orientação dos aliados, continuar a guerra. E os povos que directa ou indirectamente soariam com a guerra bem-disseram do esforço supremo do povo russo, e toda a sua simpatia foi para os operários, os camponeses, os soldados e marinheiros que tam galhardamente se bateram pela liberdade.

Se anteriores movimentos revolucionários não houvessem já atestado o valor dum povo insurreccionado, o gesto do povo russo valeria como lição. Mas é que, além daquele facto, outro valioso aquela revolução demonstrou: foi a or-

À BOA PAZ

A questão internacional

A acção anárquico-sindicalista foi sempre revolucionária e de transformação social

Permitem-nos a Kerensky instituir um regime democrático, para, sob a orientação dos aliados, continuar a guerra. E os povos que directa ou indirectamente soariam com a guerra bem-disseram do esforço supremo do povo russo, e toda a sua simpatia foi para os operários, os camponeses, os soldados e marinheiros que tam galhardamente se bateram pela liberdade.

Se anteriores movimentos revolucionários não houvessem já atestado o valor dum povo insurreccionado, o gesto do povo russo valeria como lição. Mas é que, além daquele facto, outro valioso aquela revolução demonstrou: foi a or-

À BOA PAZ

A questão internacional

A acção anárquico-sindicalista foi sempre revolucionária e de transformação social

Permitem-nos a Kerensky instituir um regime democrático, para, sob a orientação dos aliados, continuar a guerra. E os povos que directa ou indirectamente soariam com a guerra bem-disseram do esforço supremo do povo russo, e toda a sua simpatia foi para os operários, os camponeses, os soldados e marinheiros que tam galhardamente se bateram pela liberdade.

Se anteriores movimentos revolucionários não houvessem já atestado o valor dum povo insurreccionado, o gesto do povo russo valeria como lição. Mas é que, além daquele facto, outro valioso aquela revolução demonstrou: foi a or-

Passeio de confraternização

Realiza-se amanhã com todo o brilhantismo, a Federação da Construção Civil em benefício das suas escolas e de «A Batalha»

Já poucos bilhetes restam para a grande excursão que, promovida pela Federação da Construção Civil se realizará amanhã, domingo a Cascais. A grande comissão, que tem enviado todos os esforços para que dessa festa resulte a maior soma de benefícios para as escolas e para o nosso jornal, acaba de receber resposta da Sociedade Estoril que, atendendo ao fim desta excursão, organizará um comboio especial para a ida e para a volta, cedendo também muito gentilmente meios bilhetes para crianças até 7 anos, ao preço reduzido de 2\$10.

O bem elaborado programa é o seguinte:

Partida, às 7 horas precisas. Às 8,30, chegada a Cascais; recepção aos excursionistas por todas as associações do concelho, acompanhadas por 4 bandas de música; passeio na vila. Às 10 horas, sessão de boas vindas e confraternização, em que farão uso da palavra delegados de todas as Federações de indústria.

Às 12, grande marcha até à Boca do Inferno em que tomam parte as associações operárias, os excursionistas e as bandas de música. Às 13, interessante *pic-nic* na mata. Às 14, audição de fados sociais por conhecidos cultores divididos por 4 ranchos. Às 15, deslumbrante espectáculo ao ar livre, com números de equilíbrios, forças combinadas, jogo de pau e intermédios cómicos. Às 17, divertimentos populares, promovidos por uma comissão de mulheres, e o «jogo do anel». Às 18, organização da marcha e passeio de despedida à vila. Às 19,30, partida para Lisboa.

O comboio tem paragem em Alcântara-mar, Belém, Oeiras e Paço de Arcos. Hoje continua a venda e troca de bilhetes e os que restarem serão vendidos amanhã, à porta da estação antes da partida do comboio.

CASCAIS

Realiza-se amanhã com todo o brilhantismo, a Federação da Construção Civil em benefício das suas escolas e de «A Batalha»

Já poucos bilhetes restam para a grande excursão que, promovida pela Federação da Construção Civil se realizará amanhã, domingo a Cascais. A grande comissão, que tem enviado todos os esforços para que dessa festa resulte a maior soma de benefícios para as escolas e para o nosso jornal, acaba de receber resposta da Sociedade Estoril que, atendendo ao fim desta excursão, organizará um comboio especial para a ida e para a volta, cedendo também muito gentilmente meios bilhetes para crianças até 7 anos, ao preço reduzido de 2\$10.

O bem elaborado programa é o seguinte:

Partida, às 7 horas precisas. Às 8,30, chegada a Cascais; recepção aos excursionistas por todas as associações do concelho, acompanhadas por 4 bandas de música; passeio na vila. Às 10 horas, sessão de boas vindas e confraternização, em que farão uso da palavra delegados de todas as Federações de indústria.

Às 12, grande marcha até à Boca do Inferno em que tomam parte as associações operárias, os excursionistas e as bandas de música. Às 13, interessante *pic-nic* na mata. Às 14, audição de fados sociais por conhecidos cultores divididos por 4 ranchos. Às 15, deslumbrante espectáculo ao ar livre, com números de equilíbrios, forças combinadas, jogo de pau e intermédios cómicos. Às 17, divertimentos populares, promovidos por uma comissão de mulheres, e o «jogo do anel». Às 18, organização da marcha e passeio de despedida à vila. Às 19,30, partida para Lisboa.

O comboio tem paragem em Alcântara-mar, Belém, Oeiras e Paço de Arcos. Hoje continua a venda e troca de bilhetes e os que restarem serão vendidos amanhã, à porta da estação antes da partida do comboio.

ECOS DE S. PEDRO DA COVA

INQUILINATO COMERCIAL

UM ACORDÃO ABSOLUTAMENTE ILEGAL

obriga o ilustre advogado dr. Acácio Furtado a declinar o seu mandato perante a firma Eduardo Martins & C., Ltd., sua constituinte, vítima de um processo odioso que lhe move a União dos Proprietários

Imprevisível tudo o que abate se resolve, mas elucidativo de sobra!

Pedem-nos a publicação dos seguintes documentos acerca da questão de inquilinato comercial em que é justamente interessada a conhecida firma Eduardo Martins & C., Limitada, do Chiado:

— Lisboa, 19 de Julho de 1923 — Ex.^{ma} Srs. Eduardo Martins & C., Limitada. — Amigos e senhores — A título, para mim absolutamente imprescindível, assumida pela Relação de Lisboa em várias decisões proferidas ultimamente nos autos de traslado do processo de despejo que contra v. ex.^{ma} moveu a Companhia de Seguros União dos Proprietários e que subiu ao Supremo Tribunal de Justiça em segunda revista para julgamento em Tribunal Pleno, obriga-me por um indeclinável dever de consciência a vir perante v. ex.^{ma} expor, com toda a isenção e lealdade, o que segue:

Imensamente honrado com o mandato que v. ex.^{ma} me confiou para a vossa defesa perante os tribunais, nas diversas acções de despejo que a Companhia de Seguros União dos Proprietários vos moveu, eu tenho a consciência de ter posto até hoje ao serviço do patrocínio da vossa justíssima causa todo o meu esforço e toda a minha dedicação. Mas sinto ter que dizer-lhes que, depois de várias outras decisões do Tribunal da Relação, quasi todas elas claramente demonstrativas da hostilidade com que ali se receberam e apreciados os meus, aliás sempre absolutamente legais, por mim usados em legítima defesa vossa, um acordão, datado de ontem, acabou de convencer-me da completa inutilidade dos meus esforços.

Sabem bem v. ex.^{ma} que a Companhia União dos Proprietários tem mostrado todo o mais decidido empenho de fazer baixar o traslado à 1.^a instância para dar execução ao despejo, antes que o Supremo Tribunal de Justiça se pronuncie sobre o acordão da Relação que tal despejo decretou. Caba-me a mim, como vosso advogado, o indeclinável dever de usar dos meios legais ao meu alcance para obter a violação inqualificável que esse despejo representaria, desde que ele inutilizaria em absoluto a acção e futura decisão do Supremo Tribunal de Justiça e causaria a v. ex.^{ma} prejuízos absolutamente irreparáveis. Não havia, não há, não pode haver advogado algum digno deste nome que, em idênticas circunstâncias, o não fizesse. Não há, não pode haver consciência limpa que reprove o meu proceder. Mas o sr. juiz relator tem sido incansável na descoberta de meios, quasi todos o mais arbitrários e o mais ilegais, para destruir em absoluto os efeitos da minha defesa — aliás tão legítima que seguramente nenhuma outra mais legítima em caso algum pode haver — e facilitar, contra lei, a baixa do traslado à 1.^a instância, para a tam ambiciosa execução do despejo antes de o Supremo Tribunal de Justiça dizer sobre o caso a sua última palavra pelo voto de todos os seus juizes.

Seria longa a história desses casos verdadeiramente típicos — e únicos, sem dúvida, nos annos do foro português — bstando, porém, reter-lhes, por agora o que em accordo de ontem o sr. relator architectou. Tendo o Ministério Público, em cumprimento duma disposição expressa na Tabela de Emolumentos, promovido que o traslado fosse à conta para se liquidar um débito à Fazenda Nacional, o sr. relator tam desorientado como o seu deferimento iria reter, legalmente, por mais alguns dias o traslado da Relação, teve o gesto heróico de mandar arrancar do processo a folha em que tal promoção fora escrita. O gesto, porém, era tam heróico como ilegal e o sr. relator não sabia como havia de cumprir aquela ordem, porque a folha referida era parte integrante do traslado e a sua remoção tornava o traslado, tanto mais que faltava solver o débito à Fazenda Nacional. Acouo o sr. relator perante essa informação do escrivão, mas não desanimou. Livrou a seguir o acordão de 18 do corrente, onde se determina:

a) que não se arranque a tal folha isoladamente, mas que
b) o escrivão arranque, conjuntamente com ela, mais seis folhas que a antecedem, e remeta imediatamente para a 1.^a instância o traslado assim mutilado, com o orden expresso, porém, para não intimar o acordão senão depois de ter feito aquela remessa!!!

Isso dispensa comentários de qualquer natureza, tão flagrante de ilegalidade e não sabemos de que mais se revela. Mas não deixaremos de notar, para mais evidenciar tal ilegalidade, que o próprio sr. relator, em outro acordão anterior, de 4 do corrente meo, tinha julgado que o traslado não poderia baixar à 1.^a instância por enquanto, por estar pendente da resolução do tribunal uma reclamação por erro de conta. Pois desde accordo de 4 do corrente não houve recurso algum, e a reclamação por erro de conta ainda não foi resolvida.

Portanto, o traslado não podia, legalmente, baixar por enquanto à 1.^a instância. No entanto, o acordão de ontem ordenou a mutilação do traslado e a baixa imediata. Que arbitrio e que contrassenso!!! Resta agora saber como é que o sr. relator se julgaria habilitado a julgar a reclamação por erro de conta, depois de ser remetido para a 1.^a instância o traslado sobre que aquela conta incidia!

Tudo isto é tam incompreensível que eu sou levado a supor que existe da parte do sr. relator, sem eu saber porque, qualquer má vontade contra mim revelada, aliás, a cada passo na secura e asperza dos seus despachos e acordões. E como não quero, de forma alguma, que o facto da minha intervenção e da má vontade que quem quer que seja tenha contra mim possa, de qualquer forma, reflectir-se contra v. ex.^{ma}, peço licença para lhes dizer que eu quero por completamente à vontade para, querendo, livremente me poderem substituir por qualquer outro advogado que, mais ditoso do que eu, consiga as boas graças do sr. juiz relator, que tam ostensivamente hostil me tem sido.

Não julguem, porém, v. ex.^{ma}, nem julgue alguém que isto equivale a uma cobardia retirada da minha parte, pois termino por lhes afirmar categoricamente que, se v. ex.^{ma} entenderem dever continuar a honrar-me com a vossa confiança, eu proseguirei indefectivelmente na defesa da vossa justíssima causa, sejam quais forem as consequências de natureza pessoal ou profissional que para mim, de ora avante, daí resultem. E subscrevi-me, com muita dedicação e subida estima.

— De v. ex.^{ma}, att.^o, ven. e obrig. — Acácio Ludgero de Almeida Furtado.

Lisboa, 19 de Julho de 1923. — Ex.^{ma} sr. dr. Acácio Ludgero de Almeida Furtado. — Prezadíssimo amigo e senhor: — Temos presente a carta que v. ex.^{ma} nos acaba de dirigir com data de hoje e pelos factos que a mesma vem relatar-nos não podemos deixar de lhe dar a publicidade que a mesma merece. A forma digna e proficiente como v. ex.^{ma} vem defendendo os nossos direitos só merece a nossa absoluta aprovação e reconhecimento. Portanto, vimos reiterar a v. ex.^{ma} a nossa absoluta confiança e pedir-lhe a especial licença de continuar a dispor a nossa causa o mesmo interesse, dedicação e sacrificios como até hoje, certos como estamos que a ninguém melhor do que a v. ex.^{ma}, podíamos confiar a defesa dos nossos justos interesses.

Esperando a anuência de v. ex.^{ma} a este nosso desejo, subscrevemo-nos com muita estima e superior consideração. — De v. ex.^{ma}, muito atentos, veneradores e obrigados. — Eduardo Martins & Comp.^{ta} Lit.^a

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como rodas, rodas e mactissas, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tambores. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata. (E a casa que fornece em melhores condições).

SUCATAS

Compram-se por altos preços cobre, bronze, metal, chumbo, estanho, ferro, zinco. R. Nova do Carvalho, 11, junto ao arco peonil.

Trabalhadores. Lede A BATALHA

Dá-se ao leitor uma ideia, embora leve, do que é o lugar de S. Pedro da Cova, o seu ambiente, os seus habitantes ricos e pobres, parasitas e trabalhadores

PORTO, 19. — Falámos, há três semanas, de Valongo. Hoje vamos referir-nos a S. Pedro da Cova.

S. Pedro da Cova é o principal lugar da freguesia de Cova, pertencente ao concelho e comarca de S. Cosme e Gondomar. Naquelle lugar, situado nos fundos dos montes, predomina a miséria em todas as direcções. Metade dos habitantes são pobres, e metade são ricos. As crianças são sujas, esfarrapadas e quasi cadavéricas; causa funda impressão de dor presenciarmos os desgraçados mineiros, quasi sem camisa, queixarem-se da sua sorte tristíssima.

Porque a população de S. Pedro da Cova trabalha, numa grandiosa percentagem, na sua grandiosa maioria, quasi a atingir a sua totalidade, nas minas e exploradoras empresas mineiras de carvão. A situação económica daquelle povoação é tam desgraçada, que multissimas famílias dormem na mesma cama, quasi sem roupas, numa promiscuidade pavorosa: pais, mães e filhos, tudo a mistura em cima da mesma triste estroga. E se é de inverno, quando o frio enregelaa as peles e os ossos de tantos infelizes, é costume então nos terreos cubicos fazerem uma espécie de lajeira, à volta da qual, muito aconchegadinhas, ficam algumas famílias a dormitarem toda a noite, até chegar a hora de irem para o degredo, para os "trabalhos forçados" a fim de aumentarem a riqueza duma pequena casta de parasitas.

E' que aquela gente prefere ficar assim, a ter de estar num enxergo, polido no chão, sem roupas, sem cobertores suficientes que agasalhem os corpos dos perseguidos da vida...

As escolas que existem em S. Pedro da Cova são as tabernas, mas estas, contra a vontade dos seus donos, nunca podem progredir muito, como outro qualquer comércio, visto que a miséria dos salarios é tam revoltante e tam grande não dá margem a muitos gastos...

A par da miséria da população a riqueza da terra, usurpada por uma cãfila de financeiros

E no entanto, S. Pedro da Cova, como a villa de Valongo, possui bastantes riquezas — as minas de carvão conhecidas pelo seu nome. Essas minas, que produzem diariamente toneladas e toneladas de hulha, tem sido uma verdadeira mina para a riquissimos banqueiros e outros financeiros. Ali tem-se construido principaes fortunas para alguns individuos que ali tem estado em lugares tenentes das chorudas gerencias. Mas apesar dos milhares de contos que as varias empresas tem arrecadado, a custa do estorço alheio, a classe dos mineiros e anexas continuam vivendo numa desgraça incrível...

E' certo que agora falam num "deficite" da Empresa de Cima. Mas isso é o resultado duma má administração saída dum possível cambalacho para governo de alguém. E sabe-se disto, devido à questão existente entre a Carris, um principal accionista da Empresa e o Banco Ultramarino, que quer arrebatar todas as acções e ficar possuidor absoluto das minas. E' porque a coisa dá...

Quais as regalias dos que trabalham nas minas — Os seus salarios

E dá excellentemente porque a miséria dos mineiros persiste com todo o seu cortejo de horrores; e dá excellentemente porque os mineiros trabalham, por assim dizer, de graça.

As unicas regalias que os mineiros auferem com maior certeza são as multas constantes que lhe são impostas a pretexto de qualquer coisa, a mais insignificante. Quando um mineiro é multado, já fica sabendo que trabalhou meio dia ou um dia, meia noite ou uma noite de graça. No sábado é-lhe descontado na sua ferial irrisória.

E não há apelações de espécie alguma senão... rua, expulsão, telefonando-se imediatamente para as empresas mineiras do passal de baixo a comunicar-lhes o acontecimento, que significa um aviso em ordem para não admitirem ao seu serviço o pobre do despejado, que tem de emigrar ou dar um tiro na cabeça, não o der antes no seu perseguidor.

Quem se salienta neste género de caça às multas são uns cães que as empresas tem ao seu serviço. Uns cães, perdão uns capatazes é que queríamos dizer. Esses capatazes, que não fazem nada de produtivo, de útil, pois a sua missão exclusiva é só fazer qualquer falta voluntária ou involuntária, che-

gam ao despalante de, com a luz apagada, às apalpadelas, percorrerem as galerias a ver se de surpresa encontram em qualquer mina um mineiro parado. E' que o mineiro, ainda que esteja numa mina abafada, quasi sem ar, onde é preciso trabalhar-se completamente nu, não tem o direito humano de se retirar dois passos a fim de respirar um pouco e limpar os bagos de suor que lhe inundam o corpo. A sua condição é picareta continua e freneticamente, até cair exausto e asfixiado.

Um desses capatazes, que dá pelo chamadoiro de Felix Régio, até tem occasiões de andar de revolver em punho a perseguir os operários. Porquê? Porque das multas tem rascas, bem como os empregados, do escritório e os que pertencem à mesma seita — se é verdade que os mineiros nos afirmaram.

Quanto a segurança no trabalho, temos conversado. Succede talvez pior do que nas minas de Valongo. E succede, por, por isto: propositadamente costuma-se retardar o escuramento das galerias abertas por entre grandes blocos de carvão, para que a parte superior, dando de si, fique mais mole e em condições de melhor produção. Como? Aqui é que está o verdadeiro filé e o mais rendoso filão: quando menos se espera, ali, numa grande extensão, esse carbonifero tecto. E' que tem lá que ficasse soterrados d'is, três ou quatro mineiros? Diz-se que foi um desastre e dão-se três vinténs de indemnização às famílias. Perdemos três ou quatro vidas, mas a empresa fica com uma produção de algumas toneladas de carvão sem gastar um centil com a picareta do mineiro... Que tal?

E todas estas vantagens por quanto? Agora é ler de desmesurar o olhos para se ler a tabela dos salarios que os que trabalham nas minas ganham. Até nos dá vontade de ir para lá!

Um encheador percebe, em 3 horas, 2505; um mineiro, 3550. Como, porém, são considerados os encheadores e os mineiros como empregados públicos, a empresa dá \$80 e \$90 centavos de subvenção, que ela pode ter quando muito bem quizer e entender. E, devido a esta generosidade da empresa, o encheador tem então 3545 por dia, e o mineiro, 4550. Mas, ainda por filantropia o encheador pode tirar uma jorna de 5515; o que tem de trabalhar, como uma besta, durante 12 horas.

As mulheres ganham, em 12 horas, 2560; e se essas 12 horas forem de noite, auferem 1801!!! Menos quando devia ser mais, a duplicar, já para não dizer a quadruplicar. E há uma lei de protecção às mulheres; e há uma lei de protecção aos menores, cujos menores também se estiolam nos trabalhos das empresas mineiras...

Depois admiram-se se um dia apparecesse um desgraçado, que indignado com tudo isto, atirasse com a empresa pelos ares! O que são 3545, 4550 e 2560 ou 1800?

Rendimentos dos operários

Júlio Borges, de 40 anos, estovador, e residente na rua dos Remédios, 118, loja, estava ontem trabalhando com um guincho a bordo do vapor "Gaia", que se encontra atracado no Entre-Porto de Santos, quando a certa altura foi colhido pelo de arame do pau de carga, ficando com a perna esquerda esmagada. Conduzido imediatamente ao posto da Cruz Vermelha do Calvário, foi ali pensado, sendo depois transportado para o hospital de São José onde, depois de operado recolheu à sala de observações.

Cartucho que explode

Na enfermaria de São Sebastião, do hospital de São José, deu ontem entrada Leopoldo dos Santos, de 17 anos, pintor, natural e residente em Carnaxide, que, tendo ali encontrado um cartucho com pólvora, ao tentar extrair do envoltório o seu conteúdo este explodiu, ferindo-o bastante no rosto.

Falecimento sem assistência

Na morgue deu ontem entrada António Francisco Moita, de 58 anos, tra-

Há, sim, também quem trabalhe por empreitada, quasi metade do pessoal. Mas, este pessoal, para tirar um salario melhor, trabalha quasi a vapor e numa infinidade de horas...

Os beneficiários da Empresa de Cima — Pão que o diabo amassou...

Todavia, a empresa de cima, para aos olhos da opinião pública ficar bem vista e como benemerita, deu-lhe na vidinha para criar uma cooperativa-cantina e uma farmácia.

O que é a cooperativa-cantina? Um logro, uma chuchadeira, uma impostura para enganar o pessoal. Para os empregados superiores da Empresa há sempre excellentes generos, que são levados às arbores. Para os desgraçados de 15 em 15 dias é que há, ora um genero, ora outro artigo alimenticio, mas ordinariissimo e por vezes completamente deteriorado.

Temos, por exemplo, o pão. Ele é tam indecentemente manipulado, tam ascoso, tam repugnante, que já não são só as próprias crianças que o rejeitam; são também os cavalos, caros leitores! — que o não querem... Nós temos esse pão; e, francamente, preferimos comer pedra, a ter de ingerir tam estupidamente poltréia.

Relativamente às comidas que lá costumam, define-se tudo nesta frase: aqui não é comida para gente, é uma lavagem, que é provável que os próprios porcos também a não tragassem. Foi porisso que ainda não há muito, segundo uns mineiros, um serrallho se retirou da empresa, após alguns dias, desculpando-se que estava habituado a ser limpo...

Se succede um qualquer operário deixar um prato de arroz porque se lhe tornou impossivel metê-lo para o estômago, esse prato de arroz é impingido a outro operário, embora o outro já o tivesse pago. Porque na cantiga tudo é pago. Pois julgavam que aquelas bestas eram de graça?

Quando a farmácia para que serve? Para quando algum mineiro se aliejar, evitar que ele vá ao hospital e dê parte no seguro, recebendo as suas três partes de ordenado. Fazem um leve curativo e a empresa dá, ao meio dia de ordenado. O sinistro perde um quarto de dia, que possivelmente a empresa ganharia por outro lado, talvez por accordo com qualquer Companhia...

Quanto a remédios, succede o mesmo que com a cooperativa. Para os empregados há os bons e em conta; para os operários não há nada... Esquecia-nos dizer ainda que a empresa mandou fazer um bairro para os seus operários, não lhes levando nada de aluguer. As condições, porém, impostas aos que nesse bairro habitam, são estas: submissão absoluta, queixa de qualidade alguma contra as multas successivas e as horas demasiadas. Sobre tudo, já mais pensaram em unir-se aos seus colegas para sonharem, quanto

mais, pôrem em prática, em qualquer reclamação de aumento de salario. Transgredida qualquer destas disposições, sofrem pena de suspensão ou expulsão, o que equivale a dizer que as suas enxergas são imediatamente lançadas ao monte juntamente com as famílias. O bairro, pois, é um bairro de miséria na boca dos operários; é uma grilheta colocada aos pés daqueles verdadeiros forçados...

A organização sindical e os mineiros e anexas. — O odio do director, e, consequentemente, da empresa

Os mineiros e anexas de S. Pedro da Cova já tiveram a sua associação profissional, a qual atravessou um periodo agitado devido a diferentes greves de reivindicação económica, que ficaram memoráveis nas paginas da historia do movimento proletario. Mercê das perseguições movidas aos seus melhores orientadores pelas autoridades locais, com o auxilio da igreja, isto é, do abade, essa associação perdeu a sua actividade. Contudo, o espirito associativo não se esvaíu de todo, e é assim que novamente se reorganiza a antiga collectividade, com o nome de Associação dos Operários Mineiros e Anexas de Gondomar.

Esta reorganização, porém, não agradou à gerência da Empresa em questão. Como esta gerência se preocupa mais com a politica do que propriamente com os interesses da empresa e do bem estar dos seus operários, elle tem manifestado a sua má vontade contra a associação, esboçando perseguições para que ninguém se filie nela. Sobre tudo, o director das minas, que costuma lavar o pó das estradas com a corria do seu automóvel, numa afronta à miséria dos seus explorados, é o que tem mais demonstrado o seu odio à organização dos mineiros, embora elle jesuiticamente diga que gosta de ver os seus operários numa associação. Mas por outro lado aconselha-os a que não metam gente estranha na associação nem façam caso daqueles que veem do Porto lá fazerem propaganda, porque elles tem medo e vivem à custa do operariado...

O que o director não diz é que se esses operários do Porto estão mais limpos, não é porque vivem à custa dos outros operários, mas porque, unindo-se nos seus sindicatos, tem conquistado, através das suas greves hebreas, melhor paga dos seus trabalhos, porque não se sujeitam a viver na miséria como vivem presentemente os mineiros de S. Pedro da Cova. Ora para que estes não recebam os influxos das doutrinas de emancipação económica e social, ora para que estes não se eduquem revolucionariamente e cheguem à compreensão nítida do que valem e no que estão sendo roubados; ora para que estes, numa afirmação do direito à vida, não se imponham e reclamem mais uma fatia de pão, um me-

lhador, e residente na quinta dos Alfinites, dos Olivais, e que ali faleceu sem assistência.

Tentativas de suicidio

Doram entrada no hospital de São José por terem tentado suicidar-se: Na enfermaria de Santa Emilia, Palmira da Conceição Oliveira Simões, de 22 anos, residente na Estrada das Amoreiras, J. I. C.; na enfermaria de Santo Alberto, António Ribeiro Seromenho, de 62 anos, canteiro, natural e residente em Coruche, na sala de observações, Joaquim Pinheiro Gomes, de 50 anos, sapateiro, residente na Estrada de Sacavem, 70, r. c.

Pedras para isqueiros

Metal Auer, assim como rodas, rodas e mactissas, tubos, molas, pipos e tambores. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata. (E a casa que fornece em melhores condições).

Trabalhadores. Lede A BATALHA

Trabalhadores. Lede A BATALHA

Trabalhadores. Lede A BATALHA

Trabalhadores. Lede A BATALHA

Trabalhadores. Lede A BATALHA

Trabalhadores. Lede A BATALHA

Trabalhadores. Lede A BATALHA

Trabalhadores. Lede A BATALHA

Trabalhadores. Lede A BATALHA

Trabalhadores. Lede A BATALHA

Trabalhadores. Lede A BATALHA

Trabalhadores. Lede A BATALHA

Trabalhadores. Lede A BATALHA

Trabalhadores. Lede A BATALHA

Trabalhadores. Lede A BATALHA

Trabalhadores. Lede A BATALHA

Trabalhadores. Lede A BATALHA

Trabalhadores. Lede A BATALHA

Trabalhadores. Lede A BATALHA

Gama

GRANDE VARIEDADE

— DE —

Bilhetes, fracções e cautelas

para todos os

LOTERIAS

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$50 para registro

Fornecer para revender

TELEFONE 4.020 NORTE

PEDIDO A

F. SILVA GAMA

Rua Amparo, 51 — Lisboa

Escolas Industriais

Reúne no proximo dia 23, pelas 20 horas, na Escola Industrial Fonseca Be-

nevides, no Conselho Central das Escolas Industriais.

LIMAS

As melhores são as da

União. Tom Feltreiras.

Vieira de Leiria — Pedir em

todas as lojas de ferragens.

Revizavam em preços e tam-

peras com as melhores ligadas.

MARCAS REGISTRADAS

para com as melhores ligadas.

para com as melhores ligadas.

para com as melhores ligadas.

para com as melhores ligadas.

para com as melhores ligadas.

para com as melhores ligadas.

para com as melhores ligadas.

para com as melhores ligadas.

para com as melhores ligadas.

para com as melhores ligadas.

para com as melhores ligadas.

para com as melhores ligadas.

para com as melhores ligadas.

para com as melhores ligadas.

para com as melhores ligadas.

para com as melhores ligadas.

para com as melhores ligadas.

para com as melhores ligadas.

para com as melhores ligadas.

para com as melhores ligadas.

para com as melhores ligadas.

N.º 7
21 DE JULHO
DE 1923

EMILIO ZOLA

POLHETIM DE «A BATALHA»

«A BATALHA»

«A BATALHA»

«A BATALHA»

«A BATALHA»

«A BATALHA»

«A BATALHA»

«A BATALHA»

«A BATALHA»

«A BATALHA»

«A BATALHA»

«A BATALHA»

«A BATALHA»

«A BATALHA»

«A BATALHA»

«A BATALHA»

«A BATALHA»

«A BATALHA»

«A BATALHA»

«A BATALHA»

«A BATALHA»

O FUSILADO

—Como quer encontrar ali um homem?—disse elle.

—Ora! deve lá haver esconderijos que vocemecê conhece. Eu vou-lhe dar dez honras. Conduza-os.

—Pois sim. Mas são necessários oito dias para correr todas essas matas.

A tranquillidade do velho enfurecia o official, que efectivamente comprehendia o ridiculo daquela montaria. Foi então que elle viu Francisco sentado no banco, pallida e trêmula. Impressiou-o a attitudé ansiosa da pequena.

Esteve um momento calado

AGENDA
DE
A BATALHA

CALENDÁRIO DE JULHO

D.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
H.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
S.	2	9	16	23	30																										
T.	3	10	17	24	31																										
Q.	4	11	18	25																											
S.	5	12	19	26																											
Q.	6	13	20	27																											
S.	7	14	21	28																											

MARES DE HOJE

Primar as 8,18 e as 8,52

Baixamar as 1,17 e as 1,43

CAMBIOS.

Países	Moedas	Ant.	Comp.	Venda
Alemanha	Marcos	825	0,07	0,30
Áustria	Schillings	12,1	0,07	0,30
Belgica	Francos	12,1	0,07	0,30
Brasil	Reaes	25,7	0,07	0,30
E. U. A.	Dollares	25,7	0,07	0,30
Francia	Francos	12,1	0,07	0,30
Inglaterra	Libras	12,1	0,07	0,30
Italia	Liras	12,1	0,07	0,30
Suica	Francos	12,1	0,07	0,30

MOVIMENTO MARITIMO

Vapores e destinos

Vapores	Destinos	Dias
«Figueira», Casablanca	21	
«Hilobina», Madeira, Para e Ma...	21	
«Britania», New-York	21	
«Porto Alexandre», Leixões, Bissau,	21	
e portos da Africa	21	
«Usakuma», Southampton, Rotter-	21	
dam e Hamburgo	21	
«Asia», Alger, Jaffa, Beyrouth e	21	
Marsela	21	
«Hilobina», Rio de Janeiro, Monte-	21	
vidéu e Buenos Aires	21	
«Funcher», Marsela	21	
«Volubila», Casablanca	21	
«Lutetia», Rio de Janeiro, Santos,	21	
Montevideo e Argentina	21	
«Ches», Marsela, Port Said, Suez	21	
e Aden	21	
«Lutetia», Rio de Janeiro, Santos,	21	
Montevideo e Argentina	21	
«Santos», portos da costa acidental	21	
da Africa francesa	21	

AGOSTO

«Basile», Teneff, Port Etienae,	
Dakar, Conakari, Tabou, Grand	
Bassam, Cotonou, Dabou, Libe-	
ville, Port Genil e Matadi	
«Medana», Vigo e Portos	
«Albar», Dakar, portos do Brasil e	
Argentina	
«Massilia», portos do Brasil e Ar-	
gentina	
«Casamance», portos do Brasil e	
Argentina	

HORARIO DOS COMBOIOS

Paris-Galizia-Lozanos

Partida Sud-Express, as 12-25, Che-

gada as 19-20.

Madrid-Paris (Directo)

Partida do Rossio as 11-10 (as segundas,

quartas e sabados, com frequencia de 10-10).

Chegada as 15-15 (as segundas, quartas e

sextas-feiras, com frequencia de 10-10).

Porto-Galizia

Partidas do Rossio as 9-10, 18-10 e 21-0.

Chegadas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido:

Partidas as 17-10, 10-15 e 9-11. Rápido: